

**SEMEANDO A AUTONOMIA: GRUPOS DE MULHERES ASSENTADAS DA
REFORMA AGRÁRIA E OPORTUNIDADES ATRAVÉS DOS MERCADOS DE
PROXIMIDADE NO RS¹**

***SOWING AUTONOMY: GROUPS OF SETTLED WOMEN FROM AGRARIAN
REFORM AND OPPORTUNITIES THROUGH PROXIMITY MARKETS IN RS***

Daniele Cristiane Bandeira Dias

Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial pela UERGS

daniele-dias@uergs.edu.br

Cassiane da Costa

Professora da UERGS

cassiane-costa@uergs.edu.br

Biane de Castro

Professora da UERGS

biane-castro@uergs.edu.br

Rosemeri da Silva Madrid

Doutoranda do PGDR da UFRGS

rosemeri.madrid@gmail.com

**Grupo de Trabalho (GT): GT 10 - Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e
dinâmicas de consumo**

Resumo

Nesse artigo buscamos compreender quais os sentidos que as mulheres assentadas da reforma agrária do RS dão aos grupos de feiras e de entrega em casa, bem como de que forma eles contribuem com a geração de autonomia. Para a realização dessa pesquisa, optamos pelo estudo de caso múltiplos, estudando grupos de mulheres dos municípios de Santana do Livramento, Rosário do Sul, Hulha Negra e Vacaria. Realizamos entrevistas com cinco mulheres com auxílio de um roteiro de questões e utilizamos fotografias. O grupo é muito mais do que um espaço para vender e ter renda, é um lugar onde mulheres se unem para buscar a liberdade. Essa liberdade de escolher seus caminhos e de não depender de atravessadores, e de ninguém, é a autonomia construída de forma coletiva nesses grupos feministas. Esperamos que possamos compreender um pouco mais sobre esse tema, a partir da rede de apoio que essas mulheres construíram ao longo do tempo, da autonomia conquistada e da luta por equidade de gênero.

Palavras-chave: mercados agroalimentares; agricultura familiar; MST; gênero.

Abstract

In this article, we seek to understand what the meanings that the settled women of the agrarian reform of RS gives to the groups of fairs and home delivery, as well as how they contribute to the generation of autonomy. To carry out this research, we opted for the multiple case study, studying groups of women from the municipalities of Santana do Livramento, Rosário do Sul, Hulha Negra and Vacaria. We carry out interviews with five women with the help of a script of questions and we use photographs. The group is much more than a space to sell and have an income, it is a place where women come together to seek freedom. This freedom to choose your paths and not to depend on middlemen, and on anyone, is the autonomy built collectively in these feminist groups. We hope

¹ Esse artigo faz parte do Projeto de Pesquisa FAPERGS “A Dinâmica dos Mercados Agroalimentares em Assentamentos de Reforma Agrária e Comunidades Remanescentes de Quilombos no Rio Grande do Sul”. Esse projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Sergio Schneider da UFRGS.

that we can understand a little more about this topic, from the support network that these women have built over time, the autonomy gained and the struggle for gender equity.

Keywords: *agrifood market; family farming; MST; gender.*

1. Introdução

No contexto dos assentamentos da reforma agrária, os mercados agroalimentares são fundamentais. Neles, assentados(as) vendem seus produtos garantindo assim a sustentabilidade econômica. Esses mercados são essenciais para fortalecer a segurança alimentar e promover o desenvolvimento nesses territórios.

As mulheres assentadas participam ativamente tanto na produção, quanto na comercialização de alimentos. Elas atuam desde o plantio à colheita, muitas das vezes sendo responsáveis pelo manejo das produções, cuidando dos animais, guardando sementes, contribuindo significativamente para a segurança e a soberania alimentar. Muitas vezes, elas estão envolvidas na diversificação da produção agrícola, cultivando alimentos para atender às necessidades nutricionais da família, comercializando o excedente, e contribuindo para a resiliência dos sistemas agroalimentares.

Nesse estudo, buscamos compreender quais os sentidos que as mulheres assentadas da reforma agrária do RS dão aos grupos de feiras e de entrega em casa, bem como de que forma eles contribuem com a geração de autonomia. Nos mercados agroalimentares, onde a produção e o consumo se entrelaçam, as mulheres desempenham um papel fundamental, especialmente na agricultura familiar. As feiras e entregas nas residências representam mais do que apenas locais de troca de produtos, são espaços onde as mulheres, como camponesas e comerciantes, buscam não apenas a subsistência, mas também a autonomia econômica e o fortalecimento de suas histórias.

No trabalho, as mulheres buscam se fortalecer entre elas em sua busca por autonomia, tendo um lugar de posicionamento nos meios onde andam, lutando por seus direitos em defesa de suas terras e meios de subsistência. Nesse sentido, elas participam de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) para enfrentar desafios comuns, buscar qualidade de vida e autonomia. Essa não é apenas uma luta por direitos individuais, mas também por justiça social e equidade de gênero.

As camponesas assentadas da reforma agrária que fazem feira ou entregas em residências desempenham um papel de destaque na construção de territórios rurais mais resilientes e sustentáveis, na medida em que colaboram com outros(as) para alcançar seus objetivos comuns. Dividindo-se entre vários papéis do dia a dia, muitas delas como chefes de família, elas buscam nos grupos essa rede de apoio, o fortalecimento dos mercados agroalimentares e a valorização das mulheres, da reforma agrária e da agricultura familiar.

Esta pesquisa mostra o papel de mulheres assentadas da reforma agrária fazendo feira e entregando alimentos em residências, bem como estuda as mudanças no dia a dia de suas vidas. Existe a necessidade de buscar junto a elas informações de como atuam nesses mercados de proximidade em busca de sua autonomia e fortalecendo umas às outras. Existem poucos estudos que tratem das agricultoras familiares que participam de mercados de proximidade. Existem menos estudos ainda sobre mulheres assentadas, atuação em grupo e mercados de proximidade.

Para a realização da pesquisa, escolhemos como método o Estudo de Caso, ou seja, estudo de casos múltiplos, onde os casos são cada um dos quatro grupos de mulheres assentadas estudados. O estudo foi realizado através da pesquisa empírica em grupos de mulheres assentadas que fazem feira e/ou entregam seus produtos em domicílios nos municípios de Santana do Livramento, Rosário do Sul, Hulha Negra e Vacaria, todos situados no RS.

Elas são agricultoras familiares assentadas com as seguintes idades: Irene (67 anos), Marilene (69 anos), Marli (51 anos), Arlete (49 anos) e Belonir (70 anos) compartilham suas experiências através das suas histórias. Os grupos foram escolhidos a partir do conhecimento prévio e da indicação de integrantes do Setor de Gênero e do Setor de Produção do MST do estado. Além desses, foram contatadas mulheres que integram outros três grupos de três diferentes municípios que não mostraram interesse ou disponibilidade de participar da pesquisa naquele momento.

Como ferramentas de pesquisa, utilizamos entrevistas aplicadas a integrantes dos grupos com auxílio de um roteiro de questões e fotografias. As entrevistas a duas integrantes do grupo de Rosário do Sul e uma integrante do grupo de Santana do Livramento foram realizadas de forma presencial. As demais entrevistas, com a representante do grupo de Vacaria e de Hulha Negra, foram realizadas de forma remota através das ferramentas Google Meet e WhatsApp, conforme a disponibilidade de conexão das duas entrevistadas. As entrevistadas autorizaram a utilização das informações e de suas fotografias, sejam as obtidas pela autora ou as enviadas pelas próprias agricultoras. Foi lido para elas o termo de consentimento, com o qual concordaram.

2. Mercados agroalimentares, agricultura familiar e mulheres

O termo agricultura familiar começou a ser utilizado no Brasil em meados da década de 1990, como forma de reivindicação de políticas públicas específicas, se consagrando nos âmbitos da qualidade de vida e produção de alimentos (NEVES, 2007). Nessa categoria social, a maior parte do trabalho e a gestão da propriedade é da família. Agricultores(as) familiares, assim como empresariais, acessam mercados agroalimentares, embora com especificidades. Conforme Schneider (2016), o mercado pode ser definido de três formas. As duas primeiras definições têm origem em Shanin. Já a terceira vem da nova sociologia econômica (SCHNEIDER, 2016):

o mercado como um *locus*, um espaço físico determinado em que se realizam trocas materiais de produtos e mercadorias; b) o mercado como princípio ordenador da sociedade e da economia, tal como funciona o capitalismo; e c) o mercado como uma construção social, que resulta de processos de interação entre agentes que trocam e intercambiam por diferentes motivos, sejam eles econômicos, sociais ou culturais (SCHNEIDER, 2016, p.97).

A partir da realidade da agricultura familiar, Schneider (2016) criou uma tipologia de mercados da agricultura familiar onde estão os mercados de proximidade (com canais de comercialização como feira local, entrega em casa, colhe-pague e grupo de autoconsumo), mercados locais e territoriais (com canais como restaurantes, lojas especializadas, redes de venda, eventos, sacolão), mercados convencionais (com canais como atravessadores, cooperativa, agroindústria, empresa privada, internet, supermercados) e mercados públicos e institucionais (com canais como alimentação escolar, universidades, hospitais, forças armadas, entidades assistenciais e estoques do governo).

Um conjunto de mercados emergentes surgem a partir da valorização do local e da relação direta entre compradores e vendedores (CONTERATO et al, 2011). Nesse mesmo sentido, Ploeg (2008) chama a atenção para o processo de recampanização, onde agricultores se contrapõem ao processo unidirecional de mercantilização, e onde ganham espaço em mercados alternativos diante da pressão de impérios alimentares.

Os mercados de proximidade desempenham um papel importante na agricultura familiar, proporcionando a comercialização direta dos produtos cultivados por agricultores(as) familiares. Além de contribuírem para a geração de renda nos territórios rurais, também

promovem a economia local, fortalecendo os laços entre produtores(as) e consumidores(as), e possibilitando o acesso a alimentos saudáveis e de qualidade. Em muitos contextos, esses mercados de proximidade são protagonizados por mulheres.

Buscando entender o meio das feiras, identificamo-nos com a pesquisa de Zanini (2006) realizado na feira do Bairro de Camobi, município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Essa pesquisa teve por objetivo entender a atuação da mulher camponesa no contexto urbano de feira, bem como de que forma o trabalho na feira impacta a vida dessas mulheres. A autora utilizou o método etnográfico. Como resultados, esse estudo apontou a importância da mulher como atriz principal no seu meio social e para a agricultura familiar, elas estão cada vez mais participando da produção e comercialização nas feiras. É nas feiras que elas encontram essa renda adicional, contribuindo para o empoderamento econômico dessas mulheres. Todas as camponesas pesquisadas por ela tem seu saber fazer e favorecem, através de seu trabalho, sua independência financeira, a segurança alimentar de suas famílias e da comunidade (ZANINI, 2006).

3. Assentadas da reforma agrária, mercados de proximidade e autonomia

Nesse mesmo contexto de autonomia e persistência das mulheres da agricultura familiar nos mercados de proximidade, direcionamos agora o olhar para assentadas da reforma agrária. Trazemos, assim, a contribuição do trabalho de Allende (2019). Essa pesquisa buscou entender o papel da mulher no Assentamento Liberdade no Futuro na construção das feiras camponesas do de Santana do Livramento/RS. A autora traz um trabalho claro, sereno como quem tem o domínio das falas e caminha entre os assuntos com fluidez, numa escrita que passa a sensação ao(à) leitor(a) de estar vendo a forma de como decorreu sua pesquisa. Ela enfatiza as mulheres camponesas como atrizes sociais de importância na construção das feiras.

Como resultados, Allende (2019) aponta que as mulheres agricultoras familiares da reforma agrária colaboram em tempo integral na lida em suas propriedades, como donas de casa, e ativas na participação da produção e comercialização dos produtos com responsabilidade. No trabalho desenvolvido através das entrevistas, ela traz uma escrita em primeira pessoa para poder contar as histórias que passou e vivenciou realizando a pesquisa e, nessa vivência, percebendo essa profunda relação com as feiras.

Essa construção inicial das feiras no Assentamento Liberdade no Futuro dá-se através da trajetória de lutas e com poucos recursos, logo mais com o apoio de alguns órgãos. As mulheres são quem dão continuidade na “Arte de fazer feira”, pela sua persistência e um olhar geral na família e comunidade como coletivo. Dentro desse trabalho em persistir, houve muitos desafios. Destacamos o momento histórico da pandemia ocasionada pela Covid-19, pois além de desempenharem um papel essencial de abastecimento de alimentos no meio urbano e por estarem de frente com o risco de exposição ao vírus, se reinventam na “Arte de fazer feira”. Compreendemos, dessa forma, a importância da contribuição do trabalho de Campos (2021) para o contexto em que as camponesas viveram durante a pandemia, reorganizando a comercialização e tornando forte a opção pela entrega de produtos nas casas de consumidores(as).

As camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro construíram ao decorrer de anos de trabalho como feirantes, laços de confiança com seus(suas) clientes que nem mesmo a pandemia por Covid-19 conseguiu abalar. Neste momento de distanciamento social e cuidados com o risco de contaminação pelo vírus, foi necessário montar uma estratégia coletiva para atender à distância as necessidades de seus(suas) clientes e amigos(as) que continuavam a buscar por seus produtos.

Nesse contexto, por enfrentarem esse desafio pela rede de apoio que se envolveu, as camponesas mais novas se prontificaram a assumir os pontos onde se faziam as feiras, para que outras com mais idade não se expusessem ao vírus. Outras permaneceram nos seus pontos de feira, se reinventaram fazendo as vendas *online*, através de WhatsApp e entregas de porta em porta.

Essas mulheres não desistiram de fazer feira, desempenharam suas funções doando-se ao trabalho, buscando novas formas de como fazer o seu produto girar no mercado mesmo com toda a exposição ao vírus na pandemia de Covid-19. Muitas, por conta da pandemia, tiveram um aumento das responsabilidades domésticas referentes ao cuidado geralmente atribuído socialmente à mulher. No início da pandemia, notaram impacto econômico negativo na renda da família, mas conseguiram reinventar a feira e comercialização, operar e se proteger diante da situação, com forte aposta na utilização das redes sociais e das entregas nas casas, o que continuou mesmo após a pandemia.

Quando falamos em autonomia, lembramos da capacidade da tomada de decisão de forma independente, trazendo essa segurança de controle sobre suas vidas. A autonomia se torna fundamental para garantir que as mulheres da reforma agrária tenham o controle sobre suas vidas, recursos e tomada de decisões. Nesse sentido, autonomia nesse contexto é ampla, relacionada à aspectos como acesso à terra e outros direitos, participação em processos decisórios, coletividade, resistência e equidade de gênero.

Para Van der Ploeg e Schneider (2022), a autonomia refere-se às capacidades de auto-organizações de pessoas, comunidades e movimentos. Essa autonomia vem da agência dos(as) atores(atrizes) sociais. Podemos falar de autonomia através da cooperação, autonomia no nível de mercados e autonomia política (VAN DER PLOEG, SCHNEIDER, 2022). Os autores conceituam autonomia dessa forma: “um conjunto de práticas que resultam na produção e reprodução de recursos (inclusive redes) por meio dos quais ela se sustenta, permitindo assim a busca por trajetórias que de outra forma seriam impossíveis” (VAN DER PLOEG, SCHNEIDER, 2022, p. 531, tradução própria). Eles explicam melhor:

Autonomia de que falamos não é um conceito abstrato. Reflete e resume práticas sociais, movimentos e suas lutas no início do século XXI. Trata-se de trabalhar, produzir, comercializar, consumir, viver, morar se conectar- em resumo: sobre existir de maneiras que escapam ao roteiro e/ou resistem ao roteiro e marca do capital. Trata-se de conquistar espaços, resistir, construir novos modos de ser e criar vínculos com outros lugares onde o mesmo ocorre. Em suma: a autonomia é um conjunto de práticas através das quais são criados recursos que permitem as pessoas seguir caminhos que se desviam daqueles prescritos pelo capital (VAN DER PLOEG, SCHNEIDER, 2022, p.532, tradução própria).

Através dos mercados de proximidade no qual essas mulheres do MST se inserem, realizam a autonomia de maneira reflexiva, pensando a mudança da vida no coletivo através desses meios. Dessa forma, fortalecem as comunidades rurais, promovendo segurança alimentar e desenvolvimento sustentável. Na prática elas mostram que é possível melhorar as condições de vida e diminuir a dependência externa, contribuindo para uma agricultura mais resiliente e inclusiva.

Quando falamos de autonomia nos mercados, entendemos que ela vem através da capacidade de auto-organização, sendo que ela pode acontecer dentro de organizações e comunidades, com intuito político ou econômico. Analisando através das práticas camponesas e dos mercados aninhados, entende-se que a autonomia é vivenciada e cada vez mais associada por comunidades rurais (VAN DER PLOEG, SCHNEIDER, 2022).

Essa associação se dá pela capacidade de agentes econômicos(as) e sociais, camponeses (as), agirem de forma independente, construindo novos mercados que contornem os controlados pelo capital. Assim, esses(as) atores e atrizes sociais têm essa habilidade de agir de forma

autônoma, tanto no âmbito individual quanto no coletivo (VAN DER PLOEG, SCHNEIDER, 2022).

Há várias maneiras de enxergar a autonomia dessas mulheres do MST conhecendo a sua história de luta por uma inserção dentro dos mercados camponeses, promovendo uma autonomia no coletivo. Van der Ploeg e Schneider (2022) demonstraram, através da experiência do Circuito (Circuito Sul de Circulação e Comercialização de Alimentos Agroecológicos) da Rede Ecovidano Sul do Brasil, que participar de mercados não quer dizer não ter autonomia. Pelo contrário, a inserção nos mercados pode gerar mais autonomia aos(as) camponeses(as).

4 O envolvimento nos mercados de proximidade através do saber fazer e do compartilhar

4.1 Sobre as trajetórias

As entrevistadas Irene e Marilene vivem no Assentamento Potreiro Grande, em Rosário do Sul. Elas fazem feira há 22 anos na cidade e contam como funciona a feira realizada pelo grupo composto de cinco mulheres, mas que comercializa produtos de 20 mulheres. Dona Irene relata as lutas pelas quais passaram para consolidar essa feira:

“Há 22 anos, a gente começou vendendo no banco da praça, eu e mais uma. As vezes até corriam de lá nós. Os fiscais, diziam que não podiam, nos davam bronca, mas nós ficava. Ficamos lá um monte de anos, depois nós conseguimos que eles colocassem barracas pra gente, mesas e coisas, tudo ajeitadinho, e a gente lutou muito por isso e conseguimos o transporte que eles vêm buscar a gente e trazem de volta. Mas a gente lutou para isso não foi fácil, não foi de mão beijada, isso porque trancamos o pé lá, e vamos ficar e pronto, aí foi indo mais gente e mais gente e conseguimos. As barracas faz na base de uns 15 anos, tanto as barracas como o transporte. Antes tínhamos que ir por conta própria, antes se reunia duas, três e ia. Não nos importava se estava chovendo ou não, a gente ia. Eles vêm com uma camionete e a gente vai, todas as sextas das 8hs às 12hs. A prefeitura monta as barracas e mesas, pois não é local pronto. Há outros grupos da cidade também no mesmo local, só que os produtos são diferentes dos nossos. Tinha gente que passava gritava e debochava da gente. No início foi terrível, as pessoas passavam na rua e gritavam: “Vai trabalhar vagabunda”, e eu gritava “Estou trabalhando, vem cá ver quanta coisa boa eu tenho”. No início, eu ia de ônibus e deixava minhas coisas na rodoviária. Pegava meu cesto e saía a vender, e até criança me xingava, mas nunca desisti. Eu vim pra cá para isso, pra plantar pra comer, pra dar e vender, e xingavam por causa do MST, colocaram placa no trevo “Vagabundos não queremos favela rural”. Fiz feira desde o começo, primeiro ano em que plantei já fui para cidade vender. Fui fazendo minha freguesia. Uns me tratavam mal, outros bem. Os que me tratavam mal eu agradecia e mostrava igual meus produtos. A maioria que me tratou mal antigamente hoje são meus clientes.” (Irene).

Dona Irene conta nesse relato acima como iniciou a feira e como se apoiaram. Juntamente com Irene, Marilene Ribeiro iniciou suas atividades na feira. As duas tinham o mesmo objetivo, comercializar os alimentos produzidos em seu lote que excedem o consumo da família.

Na fala acima também é possível ver como o trabalho e a persistência das feirantes garantem a desconstrução de estigmas entorno do MST nos municípios quando os assentamentos são criados. Elas mostram na prática que as famílias assentadas produzem alimentos na terra que conquistaram e que esses produtos de qualidade alimentam quem vive na cidade. Esse é um resultado importante desse trabalho e do estudo de Allende (2019), realizado com assentadas de Santana do Livramento, pois mostra que as feiras são espaços que constroem uma visão positiva de moradores(as) locais sobre a reforma agrária, e que as mulheres protagonizam esse processo. Assim, é fundamental promover políticas públicas para fortalecer as feiras camponesas, como garantir a estrutura e o transporte, como acontece em Rosário do Sul.

Figura 1 –Irene e Marilene fazendo feira em Rosário do Sul-RS.



Fonte: Arquivo pessoal de Irene, 2023.

Já Marli Cupsinki, que vive no Assentamento Liberdade no Futuro em Santana do Livramento, conta como se deu o seu início na feira. Há anos ela participa de um grupo de oito mulheres que faz feiras na Av. Tamandaré, esquina com a rua Silveira Martins, próximo ao terminal de ônibus.

“Eu faço feira aqui há 6 anos, mas estou envolvida na feira desde que chegamos nos assentamentos. Mas eu assumia outras funções e sempre colaborava com as mulheres na organização e como trabalhava na Coptec, sempre incentivei as mulheres a fazer feira, ter seu próprio dinheiro, seu próprio negócio.” (Marli).

A fala acima mostra como Marli está envolvida há anos na feira, contribuindo para o seu fortalecimento em busca de uma alternativa de renda e de valorização do trabalho para ela e para outras mulheres. Essa feirante cresceu fazendo feira, animada pela experiência de sua mãe, Oliva Cupsinki que também é assentada e é uma das primeiras feirantes do município. Assim, mostra-se como o jargão comumente utilizado no movimento feminista cabe nesse contexto: “uma puxa a outra” na feira.

Nesse espaço social, costuma haver a colaboração e não a competição entre elas. No grupo do qual Marli faz parte, por exemplo, as mulheres assentadas fazem feiras em diferentes dias, por vezes comercializam produtos das demais e compõem um grupo de economia solidária feminista com mulheres urbanas de Rivera e de Santana do Livramento, que são também consumidoras, se apoiam mutuamente e promovem seus produtos.

Imagem 2 – Entrevista realizada com Marli na feira



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Outro relato rico sobre a atuação coletiva de mulheres em mercados de proximidade é feito por Arlete Mignelina, a partir da sua trajetória. Arlete, que é mais conhecida como Preta, é assentada no Município de Hulha Negra e conta sobre o grupo de oito mulheres, que comercializa produtos de 14 mulheres, direcionado a entregas nas casas, o ‘Coletivo Terra de Marias’:

“Bom, iniciei há muito tempo, só que eu era sozinha, devido conhecimento de algumas pessoas da cidade de Bagé, algumas mulheres, pessoal das casas diocesanas. Na época eu era dirigente do MST, dirigente das mulheres no Setor de Gênero, então buscava essas parcerias para fazer reuniões, principalmente no dia 8 de março, dia da mulher, e no dia da luta contra a violência da mulher, 25 de novembro. Então nós nos reunia com a mulherada pra fazer palestras, tipo uma rede de apoio. Aí começamos a conversar. Eu dizia que desde que eu comecei a tirar os primeiros produtos da terra, comecei a industrializar. Cada produto tem sua época. Aí as pessoas se interessaram em comprar e foi indo e começaram a espalhar: “*Eu compro da fulana e tal*” e a rede foi se estendendo e não consegui dar conta sozinha da demanda. Eu vi que precisava buscar parcerias com a mulherada daqui de perto e não tão de perto. A gente viu que isso era importante para gerar renda, primeiramente para o autoconsumo e logo pra geração de renda da nossa família. Aí nos reunimos em um grupo de mulheres. Somos em oito mulheres. Como os assentamentos não são tão perto, a gente agregou para vender. Uma vez uma leva, outra vez outra leva. Assim conseguimos não ter muito custo na entrega da produção porque os assentamentos são longe. E também pode ter mais produtos pra colocar no card que a gente manda para os clientes no grupo coletivo Terra de Marias que a gente formou há uns 4 anos onde estamos trabalhando e vendendo juntas. A cada 15 dias uma mulher vai na cidade leva os produtos de todas, geralmente é na sexta feira a cada 15 dias. Mandamos o card para os clientes no sábado, aí eles escolhem os produtos disponíveis do card e fazem seus pedidos. Embalamos na noite ou na manhã cedinho e uma leva e faz as entregas na cidade, já mandamos todos os pedidos anotadinhos, só fazemos as entregas.” (Arlete).

Essa união das mulheres presente no relato de Arlete, reforça a perspectiva de cooperação de Marli. Elas não visam o individualismo, trazendo para outras mulheres assentadas a possibilidade de também gerar sua própria renda, possibilitando essa troca de experiências e fortalecendo laços sociais.

Imagem 3: Mosaico de fotografias de Arlete trabalhando e alguns produtos que são entregues nas casas de consumidores(as) em Bagé.

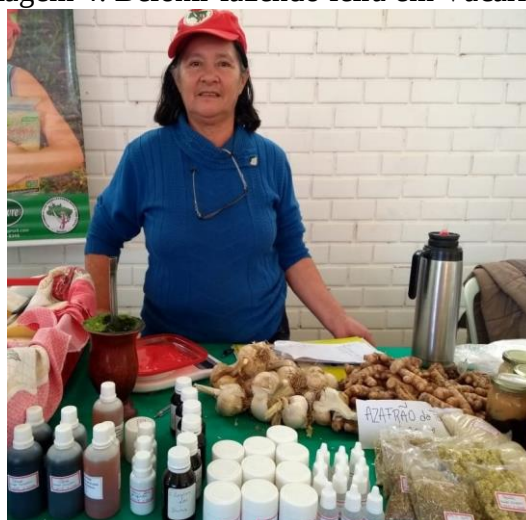


Fonte: arquivo pessoal de Arlete, 2023.

A entrevistada Belonir de Campos, do Assentamento Nova Estrela, município de Vacaria, também conta a trajetória do grupo composto por seis mulheres que tem produção orgânica certificada, trabalha com feira e com a entrega de produtos nas casas, que ela chama de cestas:

“Faz muito tempo que estou envolvida, eu e a família, mas eu quem puxo a frente. Há quase 20 anos estamos envolvidas nas feiras, várias trocas de locais, geralmente se adapta onde tem mais clientes, funciona semanalmente. Quando não conseguimos ir a cada semana, se vai a cada 15 dias, ou então diretamente com o consumidor e trabalhamos com a cesta também que as famílias produtoras fornecem e a menina que coordena envia para os clientes e montamos a cesta para serem entregues aos clientes com o que eles escolheram. Nós mulheres agricultoras e feirantes que entregamos, então essa seria a feira direta ao consumidor através da entrega.” (Belonir).

Imagem 4: Belonir fazendo feira em Vacaria.



Fonte: arquivo pessoal de Belonir, 2023.

Todas as entrevistadas participam dos mercados de proximidade há anos. Atualmente os grupos dos quatro municípios fazem entrega de produtos nas casas e somente o grupo de Hulha Negra não combina essas entregas com a feira. Essa parece ser uma tendência nos mercados de proximidade acessados por camponesas, pois há menos desperdício de produtos do que na venda em feiras e o tempo dedicado às entregas costuma ser menor do que o tempo dedicado às feiras. Por outro lado, o espaço da feira envolve uma riqueza que vai muito além da comercialização, pois se torna espaço de dar visibilidade aos produtos da reforma agrária, de sociabilidade, etc, o que acaba se perdendo um pouco com a substituição pela entrega nas casas. Três dos grupos estão trabalhando com esses dois tipos de mercado, de forma aliada.

Em alguns grupos, os companheiros das assentadas também participam das feiras ou entregas em alguns dias, entretanto elas deixam claro que o protagonismo do grupo é das mulheres. As entrevistadas, inclusive, remetem ao grupo como grupo de mulheres. Nas palavras de Arlete: “Quem faz a feira é as mulheres. Os companheiros nos ajudam também. Quem não sabe dirigir, eles auxiliam”. Elas trabalham de forma colaborativa e se apoiam umas às outras, sendo que a organização em grupos se torna mais eficiente e rentável, sendo a opção escolhida nesses casos. Esses grupos são, portanto, empreendimentos de economia solidária. Eles fazem parte da economia solidária feminista, embora não utilizem esse termo.

4.2 Sobre os produtos

Ao responder quais os produtos vendem nos mercados de proximidade, Irene e Marilene contam que trabalham juntas e têm uma grande diversidade de produtos. Irene relata: “Levo ovos, frango, morango, ervilha, couve, alface, cenoura, beterraba, essas coisas”. O que dá mais dinheiro, conforme ela, é o feijão miúdo, demandado em grandes quantidades. Quando a entrevistada disse que alguns produtos são proibidos pela fiscalização, como queijo e ovos, perguntamos se podia vender doce de leite. Ela respondeu com humor: “Pode porque é cozido. Pronto, na próxima vou trazer galinha cozida, ovo cozido. Tudo cozido para poder vender (Risos).” (Irene).

Essa questão da relação das assentadas com a fiscalização do serviço de inspeção municipal e da vigilância sanitária é tratada com humor por essa entrevistada, entretanto costuma ser tensa. As dificuldades para agricultores(as) familiares que comercializam pequenas quantidades de produtos se enquadrarem à legislação vigente, o fato de profissionais de alguns municípios que fiscalizam e exigem mais de feirantes do que em outros municípios da região, e o debate sobre o que é um produto de qualidade atravessam essa discussão. A fala de Marli vai nesse sentido:

“Sempre a fiscalização em cima de nós. A legislação brasileira só prevê as grandes indústrias e não prevê a agricultura familiar com sua diversificação. Então para cada coisa teria que ter uma agroindústria diferente, e isso é impossível na agricultura familiar, uma para cada produto. Então é impossível, a nossa feira é feita de diversidade de produtos.” (Marli).

Marilene produz pão, cuca, cueca virada, queijos, hortaliças, frutas e doce de leite para vender. Já Marli vende tempero verde, couve, alface, rúcula, batata doce e mandioca. Ela comenta que na horta seu esposo ajuda no trabalho, mas na cozinha, na produção de pães, queijo,ucas, rapadura, etc, sua filha lhe ajuda.

Dona Belonir e o grupo que ela integra têm uma grande variedade de produtos, todos orgânicos certificados através da certificação participativa via Rede Ecovida. Ela cita os principais:

“A variedade aqui é grande de produtos. Temos cenoura, feijão, amendoim, cebola, alho, tomate, beterraba, ovos, mel, batata doce, farinha de milho, suco de uva, suco

de amora, a fruta amora também, laranja, bergamota, limão, chuchu, açafrão da terra e caqui, e depois várias verduras. Mas esses são os principais.” (Belonir).

O grupo de Arlete também tem uma produção diversificada. Ela conta:

“A gente produz de tudo, temos produtos de horta. Depende de como está o tempo, a cada 15 dias atualizamos os card dos clientes, mas os produtos são, couve, espinafre, alface, temperinho verde, rúcula, pimentão, em algumas épocas tem abobrinha. Conforme o produto disponível, vamos fazendo o card atualizado, e enviando para os clientes. Temos as conservas de pepino, pimenta, cebola, os doces de figo, de amora, de pêssego, de maçã, de abóbora, de uva, além dos pães que também fazemos. Depois que começamos a fazer isso, a gente solicitou uma parceria de um moinho, pois plantamos o trigo e fazemos a farinha integral, vendemos muito pão integral. Então plantamos o trigo, produzimos a farinha, fazemos o pão e fazemos as entregas. Produtos 100% orgânico e a massa caseira a gente faz, doce de leite, só que tudo informal pois não temos agroindústria. No nosso coletivo não temos, uma está em construção. Já da agricultura familiar tem algumas.” (Arlete).

O Coletivo Terra de Marias exemplifica bem como a inovação está presente nos mercados de proximidade acessados por grupos de mulheres assentadas. Nesse sentido, os cards são o cardápio de diversificação dos produtos que os(as) consumidores(as) têm acesso através do *WhatsApp*. Os assentamentos onde vivem as mulheres do grupo ficam longe de Bagé, até 65 km, sendo que, por vezes, as estradas não estão em boas condições. A entrevista com Arlete seria presencial, mas devido às condições climáticas, de chuva e das péssimas condições das estradas, a entrevistada avisou do perigo de aventurar-se por aquele caminho. Nessas condições, as ferramentas digitais, como uso de card, de *WhatsApp*, combinadas com entregas quinzenais possibilitam a utilização de mercados de proximidade.

As respostas das entrevistadas mostram que a diversificação dos produtos é uma marca dos mercados de proximidade acessados por mulheres da reforma agrária. Elas plantam, colhem, preparam, vendem seus produtos, estando, engajadas em atividades que geram renda a partir da sustentabilidade, da segurança alimentar e promovem a autonomia das mulheres nos seus territórios.

4.3 Sobre motivação e apoios

O acesso aos mercados de proximidade entre as mulheres da reforma agrária se dá a partir de uma necessidade e também de um desejo de ter autonomia. Neste item buscamos compreender através das respostas das mulheres as motivações para essa escolha. Para Irene:

“Eu e meu marido, as vezes ele não vai. Dona Eloá fazia feira, no lugar dela está indo o esposo, até se recuperar, mas sempre fomos nós mulheres. Eu faço e a Marilene que começou desde o início comigo. E lá tem as outras que moram na cidade, o produto não é igual o nosso, mas fazem feira também. Depois tem a Andréia não vai muito porque entrega pra merenda escolar. Tem a Rosi também que não vai muito pois também entrega para a merenda escolar. Já aconteceu de eu não ir e mandar produtos por elas, e elas por mim ou pelas outras. Tem a Flávia, mas a Flávia vende mais na rua. Se eu tenho algo que ela não tem, ela leva pra vender. A gente não chama de grupo, a gente chama de “*parças*”. Decidimos fazer feira porque nós ia pra rua junto. No início a Marilene não tinha nada ainda porque ela veio depois pra cá, mas ela ia no início para me ajudar. Depois ela gostou da coisa e foi. O pessoal foi vendo a gente indo e perderam o medo e foram também. Quando vimos era mais pessoas. Para mim a feira é melhor que vender na rua porque já tem freguesia, já sabe que estarei ali e levantam as encomendas ali na feira mesmo. Se vendeu muito bem na rua, mas na feira é melhor.” (Irene).

Esse relato de Irene mostra que algumas mulheres são lideranças nesses mercados e constroem possibilidades para as demais. O termo utilizado para se referir ao grupo, “*parças*” evidencia a força da parceria existente entre elas. Também é importante destacar que ela prefere

a venda na feira porque conquistou, ao longo de décadas, muitos consumidores(as) que conhecem e confiam na qualidade de seus produtos. Seu gosto pela feira também pode estar relacionado com a relação de “parças” que existe entre feirantes e entre feirantes e consumidores(as) nesse espaço social.

Os mercados de proximidade são construídos a partir da confiança e geram laços de amizade, como mostraram também Allende (2019) e Campos (2021). Inclusive nesses trabalhos, por vezes, as assentadas utilizavam o termo “consumidoras amigas” para se referirem a quem comprava seus produtos. Isso é mais forte na feira, típico espaço de sociabilidade. A entrega nas casas costuma ser feita com maior brevidade, o que pode contribuir para não gerar relações tão fortes quanto as da feira. Mesmo tendo gosto pela feira, o grupo de Rosário do Sul também entrega nas casas, conforme encomendas. Nesses casos utilizam os serviços de motoboy. Quando por algum problema a feira não acontece na cidade, alguns(as) consumidores(as) também vão até as casas das feirantes buscar os produtos, cerca de quinze quilômetros da cidade.

Marli conta sobre a motivação de seu grupo:

“Nós chegamos em Santana do Livramento em 1991. A primeira coisa que fizemos foi produzir e fazer as feiras, foi nossa primeira atividade para nossa sobrevivência e se manter. No início era misto, homens e mulheres, e a gente foi fazendo pontos na cidade e cada prefeito que trocava, trocava a gente de lugar. Não estamos aqui por acaso na Tamandaré, foi um dos prefeitos que nos mandou para cá. Com o tempo a Emater foi formando grupos com pequenos produtores e assentados juntos, sempre negociando conosco os pontos de feira na cidade. Aí se formaram as agroindústrias que daí tem produtos das agroindústrias nos pontos de feira. Claro só produz queijo para vender quem tem, só pode ser feito na agroindústria.” (Marli).

Assim, o grupo de mulheres feirantes de Santana do Livramento foi originado a partir do papel histórico dessa forma de acessar o mercado para o Assentamento Liberdade no Futuro. A feira foi a primeira forma de acessar o mercado após a criação do assentamento há 32 anos. Quando a organização coletiva das famílias se desarticulou, as mulheres decidiram dar continuidade às feiras e também somaram às entregas nas casas, conforme mostra o relato de Marli e de outras feirantes em Allende (2019). Já em Hulha Negra, o coletivo Terra de Maria nasceu a partir de rodas de conversas entre as mulheres assentadas e dos contatos em Bagé que Arlete tinha e que possibilitaram as primeiras encomendas.

Em relação à feira de Vacaria, o início do grupo se deu a partir da necessidade de diferenciar a produção orgânica das integrantes, conforme Belonir relata:

“Quem faz a feira somos nós mulheres assentadas. Somos em seis mulheres. Temos uma assentada agrônoma que se integrou ao grupo, contribui nos ensinamentos na lavoura e como cuidar, nos projetos também, então foi muito bom para nós ter ela junto conosco na feira como companheira e parceira. A formação se deu na necessidade de ter uma feira somente de produtos orgânicos. Nosso grupo trabalha somente de forma ecológica, nada convencional. Nossas sementes são tudo orgânica crioula, temos variedades. Fazíamos feira com outros feirantes convencionais e não era bom pra nós, e não era bom para quem queria adquirir o produto. Nossos box eram pertinho, fazíamos feira no mercado público em torno de 83 box um pertinho do outro. Aí como vamos divulgar produto orgânico sem veneno se do lado havia outra família com veneno? Uns produtos coisa mais linda, então pra nós ficou difícil. A partir dessa necessidade abrimos outro pronto só do grupo de feirantes no centro da cidade e foi por esse motivo da formação desse grupo. Nós somos certificadas pela rede Ecovida e somos religiosamente contra todo tipo de veneno e semente transgênica que prejudica a nossa semente crioula. E além da necessidade de ter feira.” (Belonir).

A criação dos grupos partiu da necessidade de buscar mercados que fugissem de atravessadores e que fossem diferenciados. Fazer feira e entregas em casa em grupo é melhor do que fazer sozinha. Isso possibilita o apoio mútuo na coletividade, a diversificação de

produtos e a maior rentabilidade. As feiras são importantes desde o início dos assentamentos, sendo protagonizadas pelas mulheres nesses municípios, seja desde o início, ou quando se desarticulou a organização coletiva das famílias, no caso de Santana do Livramento. Em Vacaria, existe o diferencial da produção orgânica certificada. O banner do grupo de Hulha Negra tem qualitativos como produtos naturais e orgânicos. Em Santana do Livramento, várias mulheres que integram o grupo estão entrando no Organismo de Controle Social Terra, Pampa e Fronteira. Assim, esses dois grupos estão em transição agroecológica, embora a produção ainda não seja certificada. É interessante que esses grupos do interior do RS são protagonizados por mulheres, enquanto na Região Metropolitana a participação de homens nas feiras do MST é muito mais forte. Talvez a rentabilidade dessas feiras da região metropolitana, que costumam ter muitos(as) consumidores(as), atraiam mais homens.

Outra questão abordada respondida pelas entrevistadas foi se houve apoio para esses grupos. Nessa questão Irene e Marilene comentam que sim, da Prefeitura de Rosário do Sul, com a cedência do local, barracas e mesas, o transporte para buscá-las para ir fazer feira, a Emater com palestras e por meio de luta, também conquistaram um trator via Governo Federal.

Já Marli responde:

“Sim, a Coptec sempre esteve junto conosco. A Emater também em alguns momentos, as vezes a Secretaria da Agricultura só que depende muito de quem está lá trabalhando com interesse de nos apoiar. A Cassiane da Costa professora da Uergs, contribui muito conosco e inclusive a própria universidade Uergs.” (Marli).

Arlete já nos traz diferentes percepções sobre formas de apoio que receberam ao longo da sua caminhada. Cabe mencionar o crescimento das entregas nas casas durante a Pandemia de Covid-19, o que também foi relatado na pesquisa realizada por Campos (2021) em Santana do Livramento:

“Recebemos tanto apoio financeiro, como de incentivadores. Recebemos apoio do grupo Caios, que é um grupo de Porto Alegre. É um grupo de advogados que buscam ajudar pessoas como nós mulheres, grupo escola, que querem melhorar que tratem temas como cuidado com a mãe terra, com as sementes, cuidado com a escola. Eles buscam projetos que tenham sustentabilidade e que valorizem tanto a mãe terra como o meio ambiente. Temos uma menina que participa do coletivo e foi atrás e eles vieram conhecer nosso trabalho, nossa realidade, e nos incentivaram sim, foi muito bom o recurso que veio deles, e também temos o apoio grandíssimo da advogada Lélia de Quadros, que trabalha com mulheres. E também do Instituto cultural Padre Josimo, conhecemos o diretor da Unipampa de Bagé, ele tem essa parceria com Instituto e veio aqui em casa conheceu nosso trabalho, ele foi e é um parceiraço. Foi quem nos deu a ideia de fazer o card, o banner e criamos o *Instagram*. Ele fez a divulgação para todos(as) da Unipampa, nós temos uma leva muito grande de indicadores que ele foi indicando. Já abriu as portas da Unipampa para nós expor os produtos, colocar cafés em eventos. Então são parceiros e divulgadores do nosso trabalho e somos muito gratos por essa parceria que tem de divulgar nossos produtos, além de serem consumidores. Através da nossa página temos mais visibilidade @coletivoterrademaria. Órgãos legais não temos apoio, ainda menos no município de Hulha Negra, até não fazemos feira lá pois teríamos menos resultados. A entrega nas casas foi onde cresceu nossa demanda, e foi no período da pandemia onde conseguimos uma escala grande de clientes.” (Arlete).

Belonir traz outro relato diferente das demais, ressaltado o apoio do Setor de Gênero do MST:

“Recebemos apoio sim, desde o nosso início o setor de gênero sempre apoiando e incentivando projetos para as mulheres fazer feira. Nosso movimento através do setor de gênero foi o primeiro a nos dar o apoio, até com recurso. Temos graças a luta das mulheres assentadas o nosso transporte e nossas barracas, nossas caixas plásticas graças a lutas das mulheres e ao nosso movimento que nos apoiou e ajudou e lutamos juntos e conseguimos. Não estamos fora da organização, pois sempre o setor de gênero

está fazendo reuniões e nos dando informação, porque feira é um espaço bom para mulheres dialogarem e conviverem. Nosso bispo da nossa cidade nos ajudou muito a conseguir o nosso espaço, então por parte da igreja conseguimos esse apoio. Também o CETAP que é um Centro de treinamento de Agricultores voltado para agroecologia e a equipe trabalharam nos assentamentos. Trabalham com frutas nativas e fazem visitas nas propriedades nos orientando nas produções. E os consumidores que são a parte principal pois nos incentivaram muito a fazer feira orgânica, nos incentivaram e assumiram o papel de divulgar e hoje fazemos feira e eles estão sempre lá.” (Belonir).

Essas respostas das mulheres mostram a necessidade de aumentar o apoio do poder público para estimular o fortalecimento e a criação de novos grupos como esses. São poucas as políticas públicas e ações direcionadas especificadamente para esses mercados por prefeituras municipais, governos estaduais e federais. Nos casos em que houve aportes, os resultados foram satisfatórios, como no caso do apoio da Prefeitura de Rosário do Sul para transporte de feirantes e bancas. Os casos de Vacaria e Santana do Livramento também mostram a importância do investimento em assessoria técnica, social e ambiental à reforma agrária (ATES), sendo que o Programa de ATES foi extinto em 2016 e precisa ser retomado. O apoio das universidades públicas que acontece nos casos de Hulha Negra e Santana do Livramento também é importante e precisa ter continuidade e serem replicados em outros municípios. Os grupos de pesquisa e de extensão em gênero e em agroecologia podem ter um importante papel nesse sentido.

Esse apoio governamental precisa ser combinado com o apoio de organizações não governamentais. Nesse sentido, o papel do apoio do setor de gênero do MST em Vacaria merece destaque. Através da elaboração de projetos para buscar aporte financeiro, pode-se replicar essa experiência exitosa, favorecendo de mulheres assentadas em outros municípios e promovendo a autonomia através da organização coletiva, do acesso a mercados de proximidade e da agroecologia. As cooperativas do MST também podem colaborar nesse sentido. Em Santana do Livramento já existe um movimento da COPERFORTE para fortalecer os grupos de mulheres e as feiras, o que precisa ser continuado, fortalecido e replicado em outros municípios.

5. Assentadas da reforma agrária fazendo integração

As mulheres assentadas da Reforma Agrária perceberam que os mercados de proximidades poderiam lhe trazer renda e autonomia através das feiras e entregas, promovendo a valorização do produto local e visibilidade de seus trabalhos e dos produtos de base agroecológica. A construção de grupos e redes comunitárias promove a sustentabilidade, respeitando a mãe terra que lhe fornece um produto saudável, através das boas práticas de manejo e assim buscando formas mais diretas de comércio.

Quando perguntamos ‘o que tem de bom no grupo de feirantes? Irene, Marilene e Marli respondem que é a amizade delas, poder compartilhar o dia com quem faz feira e entrega com elas.

Marli diz:

“É a coletividade. Não trago só meus produtos, trago de outras que não puderam vir. Nós sempre nos ajudamos. E por conta da diversificação dos produtos, cada uma produz algo para ser vendido.” (Marli).

Já Arlete complementa dizendo:

“Além de sentar e conversar para ver como está e adquirir novos projetos. Pois a gente já ganhou alguns projetos como a melhoria de estufas, para comprar a máquina de pão, essas coisas conseguimos, pois no início fazíamos a massa na bacia e os braços com o tempo vão ficando cansados, não dá conta. E também a satisfação de receber mensagens dos clientes elogiando nosso produto. É gratificante de ter um grupo de feirantes que se organiza, que produz, que busca geração de renda, busca a autoestima,

que leva para famílias da cidade um produto que a gente come e eles também adquirem um produto de qualidade.” (Arlete).

Belonir também responde, agregando a agroecologia ao debate:

“No grupo tem solidariedade, partilha, confiança, tem os mesmos objetivos, uma família com a outra e em relação a agroecologia, que é o nosso ponto de organização. É o que temos de bom, aprendemos bastante e a troca de experiência, e estamos evoluindo pois uma sabe de uma coisa e outra de outra. Também a troca de conversa com nosso consumidor, além da energia boa que os nossos consumidores trazem, porque quem vem fazer feira de produtos orgânicos vem feliz.” (Belonir).

Nas falas acima, podemos observar a satisfação das mulheres com seus grupos. Elas concordam que a amizade, a parceria, e a confiança nos seus grupos lhe fazem bem, pois estão pelo mesmo objetivo trabalhando juntas, em prol de si, de suas famílias, de outras mulheres e famílias também. Elas também valorizam a relação de proximidade com consumidores(as) e sentem-se felizes ao receberem os elogios sobre a qualidade de seus produtos.

A pesquisa proporciona o entendimento de como elas se apoiam em vários sentidos no grupo, muito além do econômico. É perceptível o quanto elas se fortalecem juntas. No depoimento de Irene essa questão fica clara, colocando a importância de o coletivo para uma mulher cuidar da outra, prevenir e enfrentar situações de violência de gênero e ter domínio autonomia econômica:

“Nos ajudamos, fazemos reuniões das mulheres, se fala todo tipo de problema e se resolve tudo também, sempre se tem solução. Acho que nós somos bem unidas. Depois que tomei coragem e me divorciei de 39 anos de casada, teve mais duas que se divorciaram, criaram coragem, cansaram de sofrer. As vezes algumas não falam, mas a gente percebe quando há problema, dá para sentir quando a mulher fica encolhida não vai a lado algum, só o homem vai e a mulher fica em casa. Sempre tive de olho nessas coisas. Quando tu vê tomam conta, quando tu vê tão te batendo, te matando ou algo parecido. A Emater também vem, faz palestras sobre esses assuntos da mulher. Antes nem todos participavam, agora vão todas. Aqui só um homem, as demais são as mulheres quem cuidam do dinheiro. Eu cuidar do meu próprio dinheiro traz para mim autonomia de poder fazer o que quiser, comprar o que preciso.” (Irene).

Marilene e Marli comentam que sim se ajudam e que isso é fundamental para elas, pois umas as vezes precisam se ausentar na feira para comprar algo, ir na farmácia e uma cuida a barraca da outra. Arlete traz em seu depoimento mais informações detalhadas da forma como se ajudam na autonomia econômica, na denúncia de violências, no fortalecimento da autoestima, buscando qualidade de vida para as mulheres no sentido amplo:

“Além de nos ajudarmos, não sobrecarrega sempre uma, pois devido à distância uma a cada 15 dias faz essas entregas. A gente consegue levar o produto de todo mundo em um transporte. Ajudamos também outras mulheres que não são do nosso coletivo, por exemplo, temos produtos que a demanda é grande e se falta elas nos fornecem, buscamos nas outras mulheres fora do coletivo como forma de ajudar. Não é só nosso produto, não só as mulheres do coletivo, mas auxiliamos outras que não fazem parte e que tem o seu produto para vender. É tipo rede de apoio, somos mulheres bem-informadas referente aos assuntos. Participamos de palestras, conversas, orientação, informamos as companheiras. Também já denunciemos casos, fazendo encontros não só sobre a violência da mulher, mas também sobre a autoestima das mulheres. E volta e meia nos reunimos para celebrar a vida e o empoderamento das mulheres. E não deixamos de fazer isso. Acho que antes de tudo isso, antes de produzir um produto de qualidade, nós precisamos estar bem.” (Arlete).

Belonir contribui também com esse tema, ressaltando a organização, o auxílio mútuo e a confiança que existe no grupo:

“Então nós nos ajudamos muito, desde a organização, dividimos quem irá plantar qual produto qual época e em qual tempo, pra que a gente possa manter a feira com bastante

produto. Aí dividimos essa produção, para até que o consumidor não fique faltando produto que não tenha. O planejamento da produção e nós nos ajudamos, nossa integrante agrônoma do grupo, indica os produtos e a época de cada e dividimos quem plantará qual produto. Plantamos diversificadamente. Trocas de experiências, os cursos que fazemos que todas não conseguem, aí uma faz e ensina para outra. Quando o tempo não ajuda pela chuva e os consumidores não vão fazer a feira, há duas companheiras que fazem a venda pelas redes sociais, aí fazemos entregas ou marcamos hora para buscar. Temos concordância entre as companheiras, vendemos os produtos e ajudamos as outras a vender também. É muito bom o nosso grupo de feira pois nós nos ajudamos e temos confiança.” (Belonir).

Observamos que as mulheres se fortalecem e se ajudam através de conversas, reuniões, palestras, onde as mantêm informadas de atualidades, e o que elas têm direito. Elas se ajudam quando há algum problema e na maioria dos casos, conseguem resolver juntas. Elas contribuem também com outras mulheres fora de seus grupos, que têm produtos para venda, mas não participam dos coletivos. Elas têm consciência que dessa forma não somente preenchem as demandas de produtos, mas auxiliam no fortalecimento da autonomia de outras mulheres. Assim, percebemos que esses grupos são feministas pois promovem conscientemente a equidade de gênero. São muito mais do que espaços de acesso ao mercado voltados ao aumento de renda, são espaços sociais fundamentais para o apoio mútuo entre mulheres e para a geração da autonomia de mulheres assentadas em vários sentidos.

Todas as mulheres entrevistadas entendem que fazer feira e entregas em casa no coletivo é melhor do que fazer individualmente. Nas explicações elas mencionam a ajuda entre mulheres, a diversificação dos produtos e a organização. Arlete destaca a diversificação de produtos alcançada a partir do coletivo:

“Com certeza o ganho é bem maior, pois unimos as forças e os produtos e ficamos com um card completo farto, pela diversificação dos produtos e qualidade.” (Arlete).

Existem desafios a serem vencidos. Ao se referirem dos problemas enfrentados pelas mulheres assentadas da reforma agrária que fazem a feira acontecer, Irene e Marilene contribuem:

“Um dos problemas é o horário que nos buscam para levar os produtos e fazer feira, pois leva pão para o café dos que nos procuram e chegamos já tarde, e esse público que vai cedinho já foi ou comprou de outros. Mas mesmo assim temos freguesia que espera e toma café mais tarde.” (Irene e Marilene).

Marli relata, entre outros, o problema da precariedade das estradas que dificulta o deslocamento. Esse é um problema comum para quem vive em assentamentos de reforma agrária que beira ao descaso do poder público:

“Um dos problemas enfrentados são nossas estradas inacessíveis para o pequeno agricultor, já passamos muitos perrengues na estrada. A questão das agroindústrias um para cada tipo de produtos. A questão também da intensificação por mais palestras para as mulheres. Para mim são esses os problemas enfrentados.” (Marli).

Arlete, também contribui na sua fala sobre as péssimas condições das estradas, que dificulta o acesso aos mercados de proximidade, entre outros problemas importantes:

“Uma das principais dificuldades são as nossas estradas, as estradas são de péssimas condições, de má qualidade mesmo, então assim, as nossas bolsas que guardamos os produtos são feitas de algodão cru que são feitas por mulheres, mas não estamos conseguindo levar nas bolsas porque amassa os nossos produtos devido à má condição da estrada, então colocamos em caixa de papelão para o produto não ir sacudindo e chegar inteiro. Também a distância, mas se tivesse estrada boa a distância não seria o problema. Outro problema é a ação do ser humano devido ao clima. Ano passado perdemos muita produção, não conseguimos colher o milho e aipim, pois fazemos os kits sopa. Não havia a produção pelo clima através da ação do homem, que desmata,

envenena, polui e aí as consequências vêm, e essa seria uma dificuldade. Outra também nós mulheres estamos ficando mais velhas as forças diminuindo e algumas tem filhos que já cresceram e foram embora, outras ainda filhos pequenos, teríamos que ter juventude nova para assumir nosso comando. Outro problema, as pessoas ainda acharem que o pessoal assentado é vagabundo, que não trabalham que só fazem arruaceira e não compram nosso produto principalmente no município de Hulha Negra que é onde eu moro. Lá tem menos aceitação do nosso produto do que em Bagé. Assim as pessoas não conhecem, não fazem questão de conhecer e só vê o que a mídia mostra. Então isso é um dos problemas que enfrentamos, a desvalorização do nosso trabalho.” (Arlete).

Belonir conta que além da dificuldade da estrada, há a grande preocupação com as sementes crioulas:

“Um dos problemas é a logística, estrada péssima, muito longe da cidade fica 70 km. Outra é a disputa por espaço, por conta da ideologia por conta do veneno, nós produzimos orgânicos, e tem as firmas que plantam histórias na cabeças de pessoas, e nós aqui temos que criar barreiras para cuidar da produção das nossas sementes crioulas, temos que fazer um trabalho para não entrar transgênicos nos assentamentos, pois elas poluem. As vezes precisa fazer trabalho de informação e de base. Nós precisamos de lotes de vizinhos que respeitem nosso lote também. Aí temos essa dificuldade. Nosso medo é não poder ter mais nossa semente crioula. Mas ainda aqui no nosso assentamento estão respeitando no sentido de não plantar próximo a nossa plantação.” (Belonir).

As falas das mulheres são de grande valia para entendermos as dificuldades pelas quais elas passam ao tentar se manter na atividade de fazer feiras e entregas. São estradas sem condições de tráfego, a preocupação com as sementes crioulas por devido outros lotes estarem usando transgênicos, a desvalorização do trabalho de mulheres assentadas por preconceito e falta de informações. Assim, a luta segue, e precisa seguir.

6. Entendendo melhor a autonomia na perspectiva delas

Iniciamos esse item buscando entender quais as mudanças as entrevistadas tiveram em suas vidas através de suas experiências com os mercados de proximidades. A partir desse entendimento Irene relata:

“Olha pra mim o bom mesmo é a amizade do povo, as pessoas conhecidas gritam” dona Irene vai vir sexta”, me traz isso me traz aquilo. Vendo muito pelo WhatsApp também. Levo os meus produtos para feira e também as entregas de vendas feita pelo WhatsApp. E é como dizem as vezes a gente ganha pouco, mas a gente se diverte.” (Irene).

Marilene também contribui dizendo:

“Pra mim é tudo de bom. Não vejo a hora de chegar sexta feira e estar lá, conversar com as pessoas, dar risada, ali gosto de me encontrar. Já sou conhecida, pois antes de fazer feira eu já vendia na rua, nas casas, nas vilas, aí a idade foi chegando e cansava com o carrinho empurrando, e eu gosto de estar na feira, ali todos me encontram.” (Marilene).

Outra contribuição é de Marli:

“Bom, eu consigo sustentar minha família com a feira, inclusive roupa, calçados e alimentos eu compro só com o rendimento da feira, então é o que mantém minha família no dia a dia.” (Marli).

Arlete fala sobre a autoestima nos grupos:

“Além da autoestima, recebemos elogios e mensagens sobre a qualidade dos nossos produtos, que a couve é maravilhosa, que o tomate não estrada, que não é como os do

mercado. Essas mensagens que elogiam nossos produtos elevam a nossa autoestima, e sem contar que cada vez que fizemos entregas, o retorno do valor conseguimos suprir a família e pagar prestação de lojas, comprar coisas para casa. Não sobrevivemos somente da feira pois não dá total retorno ainda, mas é um complemento para nossa renda familiar.” (Arlete).

Belonir fala sobre o trouxe de bom para ela:

“A organização é umas das principais coisas boas que a feira traz, nós mulheres nos organizamos pra plantar, colher e produzir. Quando produzimos pra feira há fartura, e o que não vende se doa e também se faz troca de produtos com as outras feirantes, o diálogo com as diferentes classes da cidade. E esse diálogo nos traz conhecimentos e a integração campo e cidade faz parte da nossa organização do MST. Para saber da nossa produção, sai de onde vai pra onde, e que nós dependemos do pessoal da cidade e o da cidade dos agricultores, essa integração é muito bom, e a feira para as mulheres é gratificante. Eu canso, mas a feira é gratificando. Sou feliz em fazer feira e minhas companheiras também.” (Belonir).

Participar desses mercados traz para as mulheres a simplicidade de se sentir bem, através de um elogio, de poder alcançar o empoderamento econômico, poder suprir a necessidades básicas da família com os rendimentos da feira, além da autoestima que estarem bem consigo mesma, até para produzir um produto de qualidade. A organização é fundamental para elas, saber o tempo de plantar, colher e produzir. E nessa caminhada trocam saberes entre elas mesmas e com consumidores(as).

Quando perguntamos o que é a autonomia para as mulheres assentadas, elas trazem belos conceitos, ressaltando a felicidade de poder ter a gestão a renda gerada a partir de seu trabalho. Irene, na sua fala, relaciona autonomia a ter liberdade:

“É ter a liberdade de fazer o que quiser sem ter medo. Eu desde que parei de trabalhar em firma, sempre pude fazer o que quis. A autonomia me deu o poder de escolha de gestão. E fazer feira me ajudou nessa decisão, eu saindo, consegui enxergar. Mas agora não foi fácil eu conquistá-la.” (Irene).

Marilene contribui com a discussão afirmando que a gestão dos rendimentos, essa a autonomia e independência a ajudaram, pois, toda vida foi dependente do marido, e desde que iniciou na feira tem seu próprio dinheiro. Já Marli relata que para ela é ter a liberdade para fazer suas coisas, e ter o direito de comprar, não só trabalhar e produzir, mas ter seu dinheiro para lazer, sair com sua família. A feira trouxe isso a ela.

Arlete enfatiza o que é autonomia para ela:

“Autonomia para mim, no meu caso, é levantar tranquila, ir colher na minha horta, tirar o leite, fazer meu queijo. Faço no meu tempo, industrializo os produtos, plantar e colher no meio tempo, e também a autonomia de vender no meu tempo, levar onde posso. A gente é livre, temos o compromisso com animais e plantas e temos o devido cuidado, mas sem o compromisso de horário. Autonomia é ser livre, produzir o que tu queres e fazer o produto que fazemos com qualidade e expor ele onde a gente pode e quer também, isso a entrega nos proporciona. A autonomia financeira de poder comprar o que precisamos, uma camiseta um chinelo, é algo que precisamos. Nós vivemos bem. Agradeço por viver na terra e poder produzir na terra e a terra devolve pra gente o cuidado que temos com ela com zelo.” (Arlete).

Já Belonir acredita no poder da decisão através da autonomia:

“Autonomia para mim é ter poder de decisão, se tenho minhas finanças eu tenho minha autonomia. Se tenho produto e é meu não preciso entregar a atravessador, aí eu tenho autonomia. Se tenho minha produção de agroecologia e temos nosso rumo então temos autonomia. Quando nós mulheres decidimos por onde caminhar então nós temos a autonomia. Temos que ter uma ideologia clara, ter nossos produtos, nosso carro. Não podemos ter essa dependência para alguém dizer o que temos que fazer, quando é a gente em faz e sabe fazer, então essa é a nossa autonomia.” (Belonir).

Autonomia na perspectiva das assentadas refere-se à capacidade que as mulheres têm de serem livres, de não depender de atravessadores. Remete à tomada de decisão frente ao trabalho camponês que é exercido por elas, tanto na produção, como na venda e na persistência nos mercados de proximidade. Hoje as entrevistadas têm o controle e decisão sobre suas vidas e seu trabalho, seus recursos e sua produção, promovendo sua independência e empoderamento. Participar do grupo para acessar os mercados de proximidade proporciona essa autonomia.

Quando perguntamos para as mulheres se participar dos mercados de proximidade aumenta a autonomia delas, todas responderam que com certeza aumenta, de forma coletiva, no grupo, e de forma individual. Através do exemplo das entrevistadas, hoje outras mulheres que quase nunca saíam de casa se uniram a comercializar juntas também, fortalecendo a autonomia. Nos grupos as mulheres têm mais força que individualmente, mais poder de decisão, estão juntas para enfrentar melhor os problemas, com mais segurança. Elas acreditam no trabalho em grupos, no coletivo que traz mais benefícios para suas vidas, famílias e territórios. Elas têm a liberdade e o direito de viver como querem, não só trabalhar e produzir. No espaço da feira adquirem conhecimento, sabem se organizar e se administrar, mulheres sabem fazer negócios também e isso por muito tempo foi validado. Hoje são grandes exemplos de luta e respeitadas nos assentamentos e nos lugares onde passam.

7 Considerações finais

Através dessa pesquisa compreendemos um pouco melhor os grupos que mulheres assentadas da reforma agrária criam para acessar mercados de proximidade em diferentes contextos do RS. Entendemos como se apoiam entre si, e qual importância desses grupos para essas mulheres. Durante o longo período de experiência com a feira e a entrega em casas, elas enfrentaram muitas adversidades. Por vezes, começaram sozinhas, levavam seus produtos, aqueles que excediam para comercializar, o que não conseguiam elas doavam. Uma foram trazendo as outras, se apoiando, sendo unidas.

Lendo os depoimentos dessas mulheres que fizemos questão de trazer nesse trabalho, observamos que o espírito aguerrido dessas mulheres do MST, assentadas da reforma agrária foi o combustível para que pudessem comercializar os produtos por elas produzidos sem depender de atravessadores. Elas têm uma vasta lista de produtos, produtos cultivados por suas mãos sem nenhum agrotóxico, à base de manuseio com a terra e amor e cuidado com as sementes crioulas e também através do saber fazer que passaram de geração em geração.

O central nessa forma de acessar os mercados agroalimentares fugindo da dependência é a união que elas têm, a coletividade. Nesse sentido, o grupo é muito mais do que um espaço para vender e ter renda, é um lugar onde mulheres se unem para buscar a liberdade. Essa liberdade de escolher seus caminhos e de não depender de atravessadores, e de ninguém, é a autonomia construída de forma coletiva nesses grupos feministas.

Esperamos que esse artigo possa contribuir com o melhor entendimento de como as mulheres assentadas acessam esses mercados, como lidam com situações como o preconceito que as mulheres assentadas têm por parte da elite da sociedade, de que forma elas conseguiram passar por esse problema, etc. Entendemos que há uma vontade enorme dessas mulheres em fazer acontecer, isso já pertence ao movimento MST, está arraigado nelas, espírito de luta, de vencer e de ser autônomas, produzir e a comercializar seus produtos limpos, e manter a relação com mercados de proximidade. Isto é fazer feira, isto é entregar em casa, isto é organização, isto é autonomia. Por fim, nos resta defender que experiências coletivas como essas merecem receber mais incentivos por parte do poder público e do MST.

Referências Bibliográficas

ALLENDE, R. M. **A arte de fazer feira: o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS**. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santana do Livramento, UERGS, 2019, 104p.

CAMPOS, A. M. J. **Camponeses da reforma agrária, soberania alimentar e reinvenção da feira na pandemia de covid-19**. Monografia apresentada ao Curso de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial da UERGS. Santana do Livramento, 2021, 68 p.

CONTERATO, M. A. et al. **Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea**. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 67-89.

NEVES, D. P. **Agricultura familiar: quantos ancoradouros!** In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Julio César. (Org.). **Geografia Agrária: teoria e poder**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, v. 1, p. 211-270, 2007. Disponível em:. Acesso em: 23 mai. 2020.

SCHNEIDER, S. **Mercados e Agricultura Familiar**. In: MARQUES, F. C. (Org.); CONTERATO, M. A. (Org.); SCHNEIDER, S. (Org.). **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p.93 – 142.

VAN DER PLOEG, J. D., & SCHNEIDER, S. (2022). **Autonomy as a politico-economic concept: Peasant practices and nested markets**. *Journal of Agrarian Change*, 22(3), 529–546.

ZANINI, M.C.C.; **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.